

## RESENHA

**MARCONDES, D. A PRAGMÁTICA na Filosofia Contemporânea. Rio de Janeiro: editor Jorge Zahar , 2005.**

Elza CONTIERO<sup>1</sup>

É consabido que o lugar da Pragmática nos estudos da linguagem tem aumentado consideravelmente. Tal fato se caracteriza por uma necessidade atual de se compreender os fenômenos linguísticos na sua prática, isto é, na relação dos signos com a realidade concreta de fala dos usuários de uma língua, na qualidade de quem a usa, de quem a escuta, do contexto no qual ela é dita, em que tempo ela é dita. Isso porque o conhecimento da experiência concreta dos fenômenos linguísticos vai além da análise das relações dos signos corretamente articulados para se descrever adequadamente fatos ocorridos e da compreensão dos seus conteúdos significativos.

A publicação lacônica, clara e precisa da publicação do livro *A Pragmática na Filosofia Contemporânea* de Danilo Marcondes, pesquisador na área da filosofia da linguagem contemporânea, professor titular da PUC- Rio e professor adjunto do Departamento de Filosofia da UFF, integra-se nessa linha de publicação. O seu livro está dividido em seis capítulos, apresentando passagens muito pontuais e pertinentes dos estudos da principais correntes da Pragmática, dos jogos de linguagem de Wittgenstein à Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. A sua proposta principal é analisar a construção do significado a partir do uso e do contexto, da linguagem enquanto experiência humana, procurando demonstrar como as perspectivas do campo da Sintaxe e da Semântica são insuficientes para dar conta das questões da variação, da diversidade e das possibilidades de uso da linguagem, temas esses discutidos no primeiro capítulo do livro. Essa nova visão de se pensar a linguagem foi primeiramente apresentada pelo filósofo e professor norte-americano C. Morris, da universidade de Chicago, no seu texto *Fundamentos de uma teoria dos signos* e, posteriormente, pelo filósofo alemão Rudolf Carnap, que também trabalhou com Morris, na universidade de Chicago.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Contato: [econtie.ufmg@gmail.com](mailto:econtie.ufmg@gmail.com)

O primeiro capítulo, *Sintaxe, Semântica e Pragmática*, discorre sobre a influência que Carnap teve no desenvolvimento dos estudos sobre linguagem, fazendo uma diferenciação entre três grandes campos do saber: a Sintaxe, a Semântica e a Pragmática, todos inter-relacionados. A Sintaxe se detém por uma análise mais sistemática da linguagem e a Semântica na articulação dos sentidos dos enunciados e de seus valores de verdade, independentemente dos usos. No entanto, sabemos que esse entendimento é insatisfatório para compreendermos o real funcionamento da linguagem dentro de um contexto de fala. No exemplo, “João fora lá corre” fica evidente que os elementos utilizados nessa sentença não carregam nenhum valor de verdade, dessa forma, engendrando uma combinação sintaticamente incorreta. O correto seria “João corre lá fora”, o que confere a essa frase coerência de sentido e, conseqüentemente, valor de verdade. Evidentemente, essas relações são muito claras para o leitor, que se propõe a enxergar a linguagem única e exclusivamente por um viés mais teórico e sistemático, porém, quando se tenta inserir a Pragmática, nos confrontamos com o problema da heterogeneidade e da multiplicidade de usos de uma língua. Nessa conjuntura, a filosofia da linguagem contemporânea tenta buscar respostas para essa problemática, ressaltando a importância da interação das expressões no momento da fala. No exemplo, “Ele veio ontem aqui”, não se contesta o fato de que os elementos constituintes do enunciado – “ele”, “ontem”, “aqui” é, sobretudo, uma condição essencial para determinarmos o contexto específico em que esses elementos foram utilizados.

O segundo capítulo, *Wittgenstein e a concepção de significado como uso*, traz uma concepção pragmática do significado em que o mesmo não deve ser entendido como algo fixo e determinado. Para isso, ele introduziu a noção de jogo da linguagem em que diferentes contextos de uso se caracterizam pelos seus objetivos específicos. Nesse sentido, o que mais importa é a interpretação que um falante tem durante a interação de situações de comunicação em que está inserido, levando a determinação do significado de uma palavra ou expressão proferidas pelo usuário da língua. Essa ideia nos faz pensar que, assim como participantes de uma partida de xadrez reorganiza as suas peças de acordo com as regras do jogo e de suas intenções, a linguagem humana funciona da mesma maneira, ou seja, as palavras podem exercer a mesma função que nos jogos da linguagem.

O Capítulo 3, *A teoria dos atos de fala*, proposta pelo filósofo inglês da universidade de Oxford, John Langshaw Austin, focaliza em uma tentativa de sistematizar os fenômenos pragmáticos, por uma abordagem que traça uma distinção entre o ato locucionário (o que é dito ou assertado) e a força ilocucionária (como o falante queria que fosse entendido o que disse): como afirmativa, promessa, ordem . Assim, quando dizemos: “Prometo que lhe pagarei amanhã”, o verbo “prometer” constitui o próprio ato de prometer , em que nesse ato eu realizo a promessa, ao passo que em: “Eu lhe pagarei amanhã”, trata das intenções de minhas ações, mas que também, apesar de o verbo prometer se configurar de maneira implícita, o contexto deixa claro a força da promessa. Parece pertinente afirmar que o objetivo da teoria de Austin era dar conta de um método que explicitasse esses elementos implícitos com o intuito de ir além do significado das palavras, da estrutura sintática e do valor de verdade dos enunciados para chegarmos efetivamente na análise dos atos realizados por meio da linguagem.

Já no capítulo 4 , *Grice e as implicaturas conversacionais*, o filósofo inglês Henry Paul Grice , que foi professor na Universidade da Califórnia, elabora um teoria que tenta solucionar a questão do significado não-literal encontrado nos aspectos intencionais da força ilocucionária dos atos de fala, isto é, da interpretação pelo ouvinte das intenções do falantes.

O capítulo 5, trata da *Pragmática universal e a Teoria da Ação comunicativa*, dois conceitos fundamentais elaborados por Jurgan Habermas, filósofo alemão e seguidor da filosofia pragmática da linguagem, no qual inserenosso contexto histórico atual no complexo universo da linguagem, lugar de mediação nas relações sociais.

Nota-se que o autor tenta nos iluminar com uma reflexão importante sobre a natureza da linguagem comunicativa, como sendo intrinsecamente cooperativa e consensual entre os usuários da língua. O compartilhamento de trocas linguísticas deve ser feita de forma clara, de modo que os participantes, nesse jogo de comunicação, alcance de forma engajada os seus objetivos , negocie os seus interesses, estabelecendo condições de possibilidade da comunicação efetiva, como propõe o autor.

O capítulo seguinte, discorre sobre *a Ética do Discurso*, uma dimensão que se preocupa com os desdobramentos da teoria dos atos de fala na sua natureza de comprometimento e caráter no âmbito da comunicação. O autor enfatiza que o falante produz certas

expectativas no ouvinte e este deve responder com um conduta honesta e sincera, pois o contrário disso, poderia acarretar uma perda de credibilidade e ruptura no processo comunicativo, como já ressaltava Grice e Habermas.

A leitura da Pragmática na filosofia contemporânea de Danilo Marcondes, foi muito elucidativa, no sentido de nos fornecer subsídios importantes para refletirmos sobre o papel fundamental da Pragmática nos estudos da linguagem, mesmo diante de grandes controvérsias que a filosofia da linguagem contemporânea nos coloca. Isso se explica pelo caráter da língua, que está em constante mudança, bem como, o seu caráter intrinsecamente plural. Carnap já havia profetizado sobre a impossibilidade de sistematizarmos os fenômenos pragmáticos como sempre se propôs a Sintaxe e a Semântica no escopo de seus estudos.

Sem dúvida, as propostas de Austin, Grice, Habermas, Wittgenstein foram significativamente importantes para uma maior percepção da linguagem como ação na realização dos atos de comunicação, diferentemente de análises estritamente linguísticas.

O autor de forma muito feliz, forneceu evidências para o leitor do que de mais importante se deve saber: a linguagem no seu uso concreto é muito mais fragmentada, e seus desdobramentos são imprevisíveis, resvalando para proferimentos implícitos, usos indiretos, frases truncadas, expressões elípticas em nossa comunicação, mas isso não impede o aspecto dialogicamente comunicativo de dois ou mais falantes. Isso tudo comprova que o pensamento na esfera da Pragmática não é monolítico e que os caminhos para se investigar a linguagem em uso são variados, portanto, passíveis de um estudo contínuo.